

5

Fim ou início de outra história?

(...) Eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem
Apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem juízo final (...)
(Caetano Veloso)

Muitos séculos passaram até que pudéssemos compreender o tema da infância na sua amplitude e na sua relevância. Entretanto, em muitos aspectos, parece que ainda vivemos na Idade Média, apesar de tantos conhecimentos.

O que constatamos através das notícias e também ao andar pelas ruas da cidade é que crianças continuam sem lar, sem escola, sem afeto ou cuidados mínimos. São engolidas pelo universo do adulto, vítimas da exploração e da violência onde a singularidade do universo infantil passa despercebida. Elas continuam sendo abandonadas, sem que haja mobilização da sociedade ou do Estado cujas leis ainda não dão conta dessa infância desamparada.

Na época do Brasil Imperial, muitas crianças morreram por causa da falta de higiene e do desconhecimento da Medicina. Hoje em dia, apesar de toda a informação e da evolução da Medicina, da Psicologia, da Psicanálise e da tecnologia, as crianças e jovens continuam a morrer de frio, de fome, de falta de cuidados, em suma: de falta de consideração, numa total indiferença. São crianças como o “menino verde”, de Lago (1994), o Uólace, de Strausz (2003), o Praça Quinze, de Saldanha (1981), as crianças que não se chamavam nem João e nem Maria, de Martins (1999) trazidas pela literatura e tantas outras que continuam a aumentar a estatística brasileira do abandono infantil, sem que os esforços do Estado, das Ongs (Organizações não-governamentais), da sociedade alcancem todas elas.

Ao tratarmos da questão da infância abandonada não podemos nos restringir ao abandono físico e moral, embora esse implique em risco de vida. O abandono, seja ele qual for, atinge crianças pobres e ricas, sem distinção, variando apenas quanto à forma e ao(s) motivo(s). Crianças como João Victor, trazido pela literatura, vindas de famílias de situação econômica mais estável, com necessidades, desejos, medos, angústias como qualquer outra criança também estão passíveis de serem ou sentirem-se abandonadas, mesmo que esse abandono não esteja vinculado ao aspecto sócioeconômico.

Existem assim múltiplas formas de abandono e todas elas necessitam do nosso olhar mais apurado. Esse tema e tantos outros como a morte, o sexo, as guerras já foram considerados tabus. Vigorava a idéia de que proteger a infância era mantê-la alienada das coisas mundo, da vida; para ela só existiriam idéias positivas e finais felizes. Hoje em dia, já não se poupam mais as crianças de temas como esses. A televisão, o cinema, as artes plásticas, a música, a internet e também a literatura encarregam-se de colocá-la a par de tudo que a cerca.

Todavia, a questão atual a ser cuidada não se restringe ao tema a ser apresentado, mas a forma que ele será abordado. Como qualquer arte, a literatura abre janelas para infinitas leituras de mundo, rompendo fronteiras, questionando modelos, promovendo mudanças. Por outro lado, livros com mensagens moralistas e didatismos existem em quantidade. Tais livros não provocam qualquer reflexão, não tiram o leitor da inércia, não encantam; eles estimulam a simples reprodução de um modelo e como simples reprodução não carregam em si os ventos da mudança. Falar em mudança não significa evolução ou sofisticação, mas sim, dirigir o olhar para ângulos ainda não contemplados.

Nesse sentido, a presente pesquisa buscou na literatura infantil e juvenil contemporânea obras que oferecessem as suas leituras sobre o tema do abandono e da infância desamparada. As histórias escolhidas colocam como protagonistas personagens calados pela história oficial, trazem a voz de uma parcela desvalorizada da sociedade, parcela mantida em silêncio. Sem didatismos, sem moralismos. E a partir daí interessou-se em ouvir as vozes de crianças e adolescentes que vivem em suas vidas situações semelhantes. O objetivo foi ouvir e mostrar as falas desses meninos e meninas a partir das leituras de tais livros - o que falam as vozes emudecidas desse grupo, quase invisível aos olhos da sociedade.

Para tal, procurei a Fundação São Martinho que realiza um projeto denominado *Ao encontro com meninos e meninas em situação de rua*. Diariamente, a Fundação abre as suas portas para o trabalho sócio-educativo com esse público, que busca a instituição espontaneamente. O Projeto visa a diminuição de danos e, desse modo, enquanto estão participando das oficinas de música, artes, letramento oferecidas pelos educadores da instituição, essas crianças e adolescentes, de sete a dezessete anos, afastam-se da rua, das drogas, das confusões. Ao mesmo tempo, os educadores fazem um trabalho de convencimento na tentativa do seu retorno às famílias, por intermédio da

assistente social, que, por sua vez, encaminha-os para o Conselho Tutelar que indica um abrigo que fará o vínculo com a família.

De março a outubro freqüentei o Projeto semanalmente. Fez-se necessário um período de pesquisa exploratória no qual participei como observadora das diferentes atividades do Projeto. Esse período foi essencial para que pudesse me distanciar da visão pré-concebida que tinha a respeito desses meninos e meninas e assim me aproximar deles, de sua realidade, do seu modo de ver o mundo.

No período da pesquisa propriamente dita, realizei, junto aos meninos e meninas, rodas de leituras. Li para eles quatro narrativas que traziam situações da vida das crianças e jovens que vivem nas ruas. Com exceção de um dos livros, *O Praça Quinze*, onde a autora explicitou na apresentação a mistura de realidade e ficção, todas as outras, *Cena de rua*, *Uólace e João Victor* e *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria: um conto de fadas brasileiro*, são narrativas de ficção que tentam dizer o desamparo vivido por crianças e adolescentes. As histórias trazidas pela literatura são fragmentos, leituras e criações dos autores sobre determinada situação presente no cotidiano. A partir desse olhar do outro, os leitores puderam perceber e pensar situações de outra maneira.

A proposta dos livros *Cena de rua* e *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria: um conto de fadas brasileiro* e o *Praça Quinze* é de sensibilizar o leitor para a questão do abandono e suas consequências. Já *Uólace e João Victor* expõe duas realidades bastante diferentes, mas aponta também para a possibilidade de encontro entre elas. O valor dessas obras está também na proposta de olhar a mesma história através da percepção do outro. Assim, abolimos a idéia de uma verdade única, ampliando os horizontes. O que há em comum entre os textos é que todos, cada um no seu estilo e com a sua história, desequilibram o leitor, abrem uma discussão e provocam uma mudança de perspectiva.

É relevante lembrar que as narrativas são leituras das autoras e como tal estão carregadas do seu olhar e da sua própria história. Junto a isso, a minha escolha e a minha análise também carregadas pelos meus significados. Por conseguinte, a leitura dos meninos e meninas sobre tais leituras, o seu olhar, a sua história.

A leitura das histórias transcorreu com tranqüilidade, de maneira geral. A cada roda, formou-se um grupo diferente. O número de participantes variou de acordo com a freqüência das crianças e adolescentes na Fundação cujo termômetro é a situação da própria rua: o recolhimento, o choque de ordem e

também os dias de sol regulam o número de frequentadores. As crianças e adolescentes não se surpreenderam com o fato de meninos e meninas desamparados serem os protagonistas das histórias. Não houve nenhum comentário a respeito desse aspecto. Nas diferentes rodas, os participantes, na sua maioria adolescentes do gênero masculino, ouviram com atenção as histórias e se manifestaram sobre elas. A fala não foi freqüente, porém bastante significativa. A cada narrativa, olhares distintos para aspectos distintos.

Cena de rua foi a história que mais provocou a fala dos participantes. Por ser uma narrativa por imagens, a palavra tornou-se necessária. A cada virada de página, comentários, dúvidas, observações. “Mas, assim como descreve essas imagens com palavras, a criança as descreve de fato. Ela habita nas imagens.”, fala Benjamin (2007, p.65).

As cores fortes utilizadas pela autora e os traços pontiagudos, agressivos e firmes dos personagens despertaram as vozes dos participantes que trouxeram a rua como cenário da violência, da confusão e das drogas. O menino de Ângela Lago (1994) torna-se visível com o seu inusitado colorido verde. Através dele, ouvimos as falas sobre o abandono, sobre a necessidade de ser cuidado, de “querer um carinho de mãe”, como disse uma adolescente.

Na narrativa de *Cena de rua*, os leitores (re)conheceram o trabalho infantil nos sinais, a indiferença e a violência de quem vê o menino na rua, a expressão do desamparo, o delito, como solução extremada. Nessa parte, surgem algumas falas dos participantes que dão voz aos personagens que atacam o menino: “Pega ladrão!”, “Olha o choque de ordem!”, “Querem fazer justiça com as próprias mãos!” No livro esse é o momento em que o menino recebe um feixe de luz amarela que evidencia a sua presença.

O final da narrativa aponta para uma repetição. Lago (1994) coloca a mesma ilustração da primeira página do livro para finalizá-lo. Assim, o menino verde começa e acaba a história vendendo frutas no sinal. O que poderia parecer uma crítica ou um aspecto a ser pensado, foi visto pelos participantes com indignação e perplexidade. Como assim depois de tudo que o garoto passou, começa tudo igual? “Essa mulher (a autora) está maluca?” - questiona um deles. Ao questionarem “tudo de novo?” diante da última imagem de *Cena de rua*, os leitores mostram o desejo e a necessidade de transformação dessa história. A reação aponta para o rompimento com o *continuum* da história e mira outro

futuro, outra escrita. O livro provocou a fala sobre mudança, transformação. A educação, a escola e a família surgem nas falas dos participantes como soluções de uma vida mais generosa ou, pelo menos, diferente. De uma adolescente, ouvi que o seu sonho é ser modelo e sair da rua - a mesma que dias antes, com um ar cansado, resignado havia dito que fazia programas.

Sonho, realidade e possibilidades foram temas que permearam a narrativa de Georgina Martins (1999). *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria: um conto de fadas brasileiro* trouxe uma história de abandono, miséria e morte vividos por três irmãos, duas crianças e um bebê. Ao ouvirem a história, os participantes praticamente não comentaram sobre as questões sociais levantadas pela autora. Intrigaram-se, no entanto, com o sonho de uma casa de doces trazido pelos personagens. Sonho esse que segundo a sua leitura levou o bebê.

Ao indagarem e se mostrarem incrédulos com a escolha dos irmãos pela casa de doces, os leitores transmitem a idéia de que não fariam daquela maneira. A morte da irmã ainda bebê foi lembrada até nas rodas seguintes. Essa foi, sem dúvida, a parte que bateu forte nos leitores. A morte, o medo da morte, a morte da infância e tudo que ela traz como elemento de esperança e renovação. Outra imagem trazida pela história - o padrasto monstro - despertou a fala sobre as suas experiências com seus pais e padrastos que apontam para uma figura masculina ausente ou extremamente agressiva. Um dos adolescentes falou: “meu sonho é encher o meu pai de tiro” e depois riu desconcertado. As mães têm sua imagem preservada, seu lugar protegido. Nem quando o menino da história se posiciona contra a postura de sua mãe, os leitores se uniram a ele. Essa preservação foi notada em uma atividade de dia das mães na qual o grupo coloria com afinco cartões de dia das mães ou em falas do tipo: “mãe é tudo”; “pai é fácil de arrumar, mas mãe a gente só tem uma!”.

Os sonhos desses meninos referem-se ao básico: ter uma casa, morar com suas famílias, estudar, ser do Exército. É interessante notar que ao se falar de sonho, falamos de desejo, de algo a ser atingido ou esperado, de algo que, às vezes, situa-se na dimensão do inatingível, do ideal. Para esses meninos e meninas, o básico é o “inatingível”. Portanto, um sonho de casa de doces trazido pela literatura não fez nenhum sentido para eles e foi visto como uma bobagem.

Provocar uma morte por conta de um sonho duvidoso não foi perdoado por esses leitores. Muito mais do que o tema do abandono, o medo da morte falou mais alto.

A leitura de *Praça Quinze* provocou o relato de histórias pessoais e lembranças de episódios ocorridos na rua com os participantes da roda, talvez pelo fato de ser apresentado pela autora como um livro que mistura a ficção e a realidade. A escrita direta e ao mesmo tempo poética de Saldanha (1981) envolveu os meninos e meninas.

A narrativa trouxe a história de vida de Praça Quinze: de como a vida transformou o menino-moleque de Paquetá em um menino endurecido, que vive nas ruas no Rio de Janeiro. As semelhanças entre o garoto da ficção e os meninos e meninas da vida foram apontadas pelos últimos. O afastamento da mãe e do irmão, os maus tratos, a violência sofrida, as dificuldades da vida, a batalha na rua: todos pontos de encontro entre ficção e realidade. A cena da violência vivida por Praça Quinze e Miúdo junto aos policiais, aponta para o recolhimento, o choque de ordem da prefeitura, a “limpeza” da cidade: recursos que calam - mudez. Meninos que vivem na Praça XV, na Lapa, no Castelo têm suas semelhanças, dizem os leitores.

Nesta leitura o tema do abandono foi bastante discutido. Na narrativa, a mãe permite que o patrão leve o seu filho maior para um internato e fica com o menor. Se não fizesse isso, perderia o emprego. A partir desse ponto, a vida do garoto muda e ele vira o Praça Quinze. Desta vez, os leitores questionam essa mãe que abre mão do filho mais velho e relatam histórias de abandono ocorridas com conhecidos seus: meninos deixados pela mãe aos cuidados de parentes e bebês deixados no lixo. Discutem e falam sobre tais histórias com perplexidade e revolta. A adoção surge nos discursos como solução.

Ao término da leitura do livro, Mãozinha, de 17 anos, resolve contar a sua história de vida na roda. Vida de perdas, de rejeições e impossibilidades, como a de Praça Quinze. A mãe morreu, o pai não quis ficar com ele, a avó e a tia o encaminharam junto com seu irmão mais novo para um abrigo e ele, de lá, fugiu, fazendo-se dono do próprio destino. Porém, ele afirma: “Eu não sou o Praça Quinze, eu sou o Mãozinha”.

Por sua vez, o livro *Uólace e João Victor* foi o que menos despertou a fala dos participantes, principalmente na primeira roda de histórias. Apesar de acompanharem a narrativa, os participantes mostravam-se agitados e envolvidos em

outras atividades, como o desenho. Essa foi a narrativa mais longa e com pouquíssimas ilustrações. No entanto, alguns participantes demonstraram empatia por Uólace, o menino que vive nas ruas e divertiram-se com o seu modo de narrar os fatos. Concordaram com ele quanto a sua visão sobre João Victor e seus amigos serem “filhinhos-de-papai”, pois eles têm uma vida muito melhor do que a deles.

A segunda roda foi se esvaziando com o decorrer da história devido a fatores externos. Apenas três meninos da ocupação ouviram a história até o final, dois deles tinham participado de todas as rodas. O mais novo, de sete anos, pode falar que não gostou quando Uólace vai roubar. Falou, então, sobre o seu medo de ficar como os meninos com os quais convive na Fundação e na ocupação. Outro, de 15 anos, falou pela primeira vez sobre o que pensava a respeito dos garotos que freqüentavam a Fundação: “eles não querem nada!”. Talvez por estarem apenas os três que vivem nas mesmas condições tenham se sentido à vontade para expor suas idéias e opiniões. Viver em uma ocupação não é como viver na rua, principalmente porque no caso desses três meninos, todos têm uma família que cuida deles e frequentam a escola. No entanto, a vida na ocupação não é protegida. Eles convivem com a promiscuidade, com a falta de higiene, com a pobreza - o que os assemelha aos meninos que vivem nas ruas. A situação em que vivem é tão precária e instável que aproxima o seu mundo do mundo dos que vivem na rua. O que difere os dois é a presença familiar.

Podemos, enfim, dizer que a literatura despertou a reflexão e a fala desses meninos e meninas sofridos pela violência das ruas, pela miséria e pela desesperança. É certo que provocar as suas falas não foi uma tarefa fácil. Eles se resguardaram. Falaram pouco sobre as suas próprias situações de vida e, às vezes, contaram somente aquilo que queríamos ouvir. Ouvir suas histórias também não foi fácil, foi doloroso, sofrido. Entretanto, ao falarem sobre as narrativas escolhidas, ao manifestarem suas opiniões, eles contaram também sobre de si mesmos, sobre os seus modos de ver e de viver a vida e na vida. “Os vestígios do vivido estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata” (BENJAMIN, 1994, p.205).

Ao narrarem suas histórias ou as histórias dos colegas, ao se ouvirem, esses meninos e meninas tiveram a possibilidade de elaborar a sua própria narrativa. A leitura não só permitiu a minha entrada nesse universo como também a entrada deles mesmos no seu mundo. E ao ingressarem nele, puderam questionar a sua realidade, as

suas escolhas, (re)construir as suas histórias de vida. Entrando em contato com pensamentos e sentimentos que talvez estivessem emudecidos, os leitores colocaram, segundo Benjamin (ibidem), o presente em estado crítico, resgatando o seu passado, para pensarem numa possibilidade de outro futuro. Nas rodas, esses meninos e meninas viveram a literatura e a leitura como experiência, como resgate de narrativas há tempos silenciadas pelas vivências traumáticas do cotidiano.

O que é oferecido para eles? Expressões raivosas dos motoristas de Lago, os maus tratos vindos de casa, como o monstro-padrasto de Martins (1999), a indiferença dos que passam pelas ruas vivida por Uólace, a violência vinda da polícia como ocorrida com Praça Quinze? O que querem? Um sonho, como as crianças de Martins (ibidem)? O que esperam de si mesmos? “Ser da escola e virar gente”, como Uólace? O que se espera deles? Talvez essa referência seja o que lhes falta, ou seja, alguém que espere algo deles.

Existe o brilho nos olhos de alguns, há a alegria em determinados momentos. Existe também uma vontade de transformar, de mudar, mas há uma desesperança, fruto de quem já viu e passou por inúmeras dificuldades com tão pouca idade. O medo da frustração, o medo de que não dê certo talvez paralise esses meninos e meninas.

A rua é o lugar onde tudo é permitido. As privações são conhecidas e manejadas por eles com certa destreza. A rua funciona como uma espécie de “terra da Cocanha” onde a liberdade é o símbolo maior, como vimos em alguns discursos. Há, porém, um paradoxo: querem a rua e, ao mesmo tempo, querem a casa, o cuidado, a proteção. O preço de estar na rua é alto.

Nos fragmentos de história trazidos por esses leitores contemplamos sentimentos e pensamentos que a história oficial não conta. Ao mesmo tempo, esses fragmentos remontam uma história que é coletiva. As crianças e adolescentes dessa pesquisa me mostraram que apenas os direitos assegurados no papel não lhes bastam. Eles precisam também dos deveres para se constituírem sujeitos, para se constituírem cidadãos. No entanto, é complicado falar de deveres quando nem seus direitos básicos estão assegurados na prática. Eles são marcados pela falta de perspectiva, pela falta do olhar. Se não há olhar, não há o outro, logo quem sou eu?

Sabendo que, ainda nos dias de hoje, a infância como o lugar de ser cuidado, de brincar e de aprender não está sendo preservada e que os abismos existentes entre as

diferentes infâncias só vêm aumentando percebo a necessidade em abordar o tema do abandono com as crianças e adolescentes. Percebo que há um distanciamento, quase uma indiferença quanto a essa questão. É como se mundos tão distantes com questões tão distintas não se cruzassem quando na realidade do cotidiano se cruzam e se esbarram o tempo todo. Porém, é preciso provocar esse encontro.

Através da leitura de livros de qualidade literária como os propostos nesse trabalho, talvez possamos incomodar, instigar esse olhar para o outro e encurtar distâncias entre diferentes infâncias. Entender a importância da literatura nesse movimento de encontro e de mudança pode ser um dos passos nesse caminho.